

A PEDAGOGIA HOSPITALAR COMO PROMOTORA DA INCLUSÃO: UM ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO EDUCADOR

Lídia Roberta da Silva  0009-0006-5182-2401

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Centro Acadêmico do Agreste - CAA

Dr. Manuel Bandeira dos Santos Neto  0000-0003-2933-5560

Dra. Danusa Mendes Almeida  0000-0002-4991-4685

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC

RESUMO: A educação hospitalar busca oferecer às crianças e adolescentes internados o exercício do direito à educação. A pedagogia nos serviços de saúde consiste em uma prática inovadora, sendo uma alternativa de ensino, visto que há uma proposta diferenciada de aprendizagem, na qual utiliza o lúdico e outras metodologias para que haja o aprendizado no ambiente hospitalar. Nesse contexto, o pedagogo tem a função de estimular o conhecimento do aluno, trazendo as vivências escolares. O objetivo deste artigo é analisar como o pedagogo hospitalar coopera para a inclusão escolar de crianças hospitalizadas que estejam no nível da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Trata-se de um estudo bibliográfico utilizando as bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* e Biblioteca Virtual em Saúde. A busca no banco de dados gerou um corpus de 04 artigos e a análise dos dados revelou que não são todos os hospitais que dispõem de práticas pedagógicas nas unidades de internamento pediátrico. Há uma dificuldade para realização de atividades pedagógicas dentro do ambiente hospitalar, em razão de impasses entre educadores e profissionais da saúde.

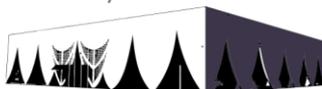
PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia hospitalar, Inclusão, Ludicidade.

HOSPITAL PEDAGOGY AS A PROMOTER OF INCLUSION: AN ANALYSIS OF THE ROLE OF THE EDUCATOR

ABSTRACT:

Inpatient education seeks to offer hospitalized children and adolescents the right to education. Pedagogy in health services is an innovative practice and an alternative way of teaching, since there is a different learning proposal, which uses play and other methodologies for learning in the hospital environment. In this context, the pedagogue has the role of stimulating the student's knowledge, bringing school experiences to life. The aim of this article is to analyze how the hospital pedagogue cooperates in the inclusion of hospitalized children in early childhood education and the early years of elementary school. This is a bibliographic study using the Scientific Electronic Library Online and Virtual Health Library databases. The database search generated a corpus of four articles and data analysis revealed that not all hospitals have pedagogical practices in pediatric inpatient units. There is a difficulty in carrying out pedagogical activities within the hospital environment, due to impasses between educators and health professionals.

KEYWORDS: Hospital pedagogy, Inclusion, Playfulness.



1 INTRODUÇÃO

A educação é um direito social garantido através da Constituição Federal de 1988, conforme enuncia o artigo 205, o qual diz que a educação é um “direito de todos e dever do Estado e da família e em colaboração com a sociedade” (Brasil, 1988). Esse direito implica no gozo dos cidadãos de usufruir de um serviço educacional público de qualidade, proporcionando pleno desenvolvimento do indivíduo, “capacitando-se para viver em sociedade e desenvolver a cidadania” (Medeiros; Silva, 2021, p. 4).

Dessa maneira, torna-se imprescindível que esse direito também seja concedido às crianças hospitalizadas, as quais se encontram afastadas de sua rotina escolar, tornando necessária a utilização de uma prática pedagógica voltada para o ambiente hospitalar, surgindo assim o atendimento educacional em ambiente hospitalar, reflexo de um campo de atuação no espaço não escolar da Pedagogia, definido como pedagogia hospitalar, ou como priorizamos nesta pesquisa, educação hospitalar (Medeiros; Silva, 2021).

A adoção da terminologia “educação hospitalar” como definição para a atuação do pedagogo ou professor em contexto hospitalar, está amparada na compreensão da Pedagogia como ciência da educação e do ensino e, por conseguinte, dos processos e práticas pedagógicas que norteiam a educação em espaços formais e não-formais (como hospitais) de ensino e aprendizagem (Rodrigues, 2012). Ademais, compreendemos a terminologia da pedagogia hospitalar, contudo não queremos ramificar a Pedagogia ou mesmo adjetivá-la, queremos reconhecer a sua amplitude de atuação como ciência da educação.

Evidenciamos, nesta perspectiva, a importância da educação hospitalar como promotora da reflexão e da construção de saberes pertinentes ao trabalho do pedagogo, de modo que ele possa auxiliar no desenvolvimento escolar da criança enferma, além de conseguir aliviar a rotina hospitalar que pode ser invasiva e dolorosa.



Um dos objetivos da pedagogia hospitalar é atuar na área sociopolítica, quando busca resgatar a cidadania e humanização da criança em internamento, promovendo assim qualidade de vida as crianças hospitalizadas. Toda a criança ou adolescente ao confrontar-se com essa nova realidade, além de ficar afastada da educação formal, corre o risco de perder o ano escolar. Isso pode causar desmotivação para continuar estudando (Silva; Farago, 2014).

O papel do pedagogo favorece a aproximação da saúde com a educação, no caso de internação prolongada, ou da necessidade de atendimento educacional em outro ambiente que não seja o escolar. A criança passa a conviver com um ambiente totalmente novo e pessoas desconhecidas. Para Matos (2009), a inserção do educador no ambiente hospitalar colabora para transformação do local em um ambiente mais humanizado, sendo necessário que este proporcione ao paciente diversidade relacionada aos saberes.

Nesse viés, este artigo consiste em uma revisão integrativa de literatura com objetivo geral de analisar como o pedagogo hospitalar coopera para a inclusão escolar de crianças hospitalizadas que estejam no nível da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Objetiva-se, dessa maneira, chegar à resposta a questão norteadora que deu origem a esta pesquisa, a saber: diante da educação hospitalar, qual o papel do educador na promoção da educação em contexto hospitalar?

Assim, temos como objetivos específicos: analisar como o pedagogo hospitalar coopera para inclusão escolar de crianças hospitalizadas; pesquisar práticas pedagógicas que promovam o bem-estar e desenvolvimento de crianças em atendimento hospitalar.

O tema da educação hospitalar tem sido pouco abordado, tal como profissionais da área com habilidades e competências para exercer a função pedagógica nos hospitais, aspecto que instigou a realização desta pesquisa.

Como justificativa pessoal, o interesse por essa temática surgiu mediante o desejo pessoal dos autores em unir a área de saúde com a Pedagogia, a fim de



auxiliar na melhora de crianças e de adolescentes em estado de internação, o que despertou a curiosidade em conhecer como ocorre a inclusão da pedagogia para esta faixa etária, bem como quais as suas contribuições no processo de cura.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Serão utilizados diversos autores que articulam sobre a temática abordada, como Esteves (2008), Matos e Mugiatti (2009), Silva (2012), Oliveira e Rubio (2012), Silva e Farago (2014), dentre outros que contribuíram para o desenvolvimento da fundamentação teórica desta pesquisa e ampliaram as concepções acerca do tema que é apresentado a seguir.

2.1 Surgimento da educação hospitalar

Os primeiros traços que delineiam a história da educação hospitalar surgem, segundo Esteves (2008), em 1935, com Henri Sellier, ex-ministro da Solidariedade e Saúde da França, o qual inaugurou a primeira escola para crianças inaptas naquele país. A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) acabou contribuindo para a criação das classes hospitalares, pois como muitas crianças e adolescentes acabaram sendo feridos e impossibilitados de irem à escola, a classe médica se sensibilizou e mobilizou-se para que a escola fosse levada aos hospitais.

Já em 1939, em Suresnes, na França, foi criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para Infância Inadaptadas (C.N.E.F.E.I) que tinha o objetivo de formar professores para trabalhar em hospitais. É nesse ano que se cria a função de um professor hospitalar, em parceria com o Ministério da Educação Francês. Para tanto, era necessária uma formação de dois anos, de modo a capacitar estes profissionais a trabalhar no âmbito hospitalar (Carneiro; Tavares, 2020).

No Brasil, a educação hospitalar teve origem na década de 1950, na cidade do Rio de Janeiro, no Hospital Menino Jesus, que até hoje é referência no



atendimento educacional hospitalar. Tal trabalho teve início com a professora Lecy Rittmeyer, que começou a realizar sozinha em 200 leitos do hospital, sendo 80 deles compostos por crianças em idade escolar. Vários hospitais também optaram por esse atendimento, contudo sem a ajuda do Estado (Amorim, 2011).

As dificuldades que os pioneiros na educação hospitalar sofriam, no Brasil, eram semelhantes as de outros países, em que muitas vezes os educadores eram mal vistos por funcionários da equipe de saúde, a classe não era valorizada e tinha de fazer trabalho voluntário. Porém, aos poucos a classe ganhou espaço dentro dos hospitais.

Em 1987, foi inaugurada a escola Schwester Heine, instalada na ala pediátrica do Hospital do Câncer A. C. Camargo, localizado no Bairro da Liberdade, em São Paulo, por meio de um convênio com a prefeitura. O nome da escola foi uma homenagem a uma enfermeira alemã que, na década de 1940, conscientizava seus pacientes sobre a importância da educação (Carneiro; Tavares, 2020).

Nos últimos anos, aos poucos, o papel da educação no contexto hospitalar foi tomando seu espaço dentro das unidades de saúde, contribuindo para continuidade da educação.

2.2 Pedagogia hospitalar: uma área educacional inclusiva

A pedagogia hospitalar é uma área educacional que busca oferecer as crianças e adolescentes hospitalizados o exercício do direito à educação. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde é entendida como uma condição de completo bem-estar físico, mental e social e não unicamente pela ausência de enfermidades, ou seja, o entendimento associa fatores socioambientais como importantes ao bem-estar do indivíduo. A educação, portanto, deve ser assegurada e ser um estímulo a todos, inclusive àqueles que estão em processo de recuperação, independentemente do tempo de permanência na instituição hospitalar.



Hoje, muito embora o ensino seja uma garantia legal, sabe-se que há poucas classes hospitalares que proporcionam a inclusão de crianças e adolescentes que necessitam de hospitalização por longos ou indeterminados períodos. Em um estudo realizado por Pacco e Gonçalves (2019), as classes hospitalares são as que se encontram em menor número, sendo apenas 265, em 2015, em todo o território nacional. Este é o dado mais atualizado a respeito do assunto, evidenciando a necessidade de mais estudos sobre as classes hospitalares no Brasil.

A Constituição vigente no nosso país torna clara a garantia desse direito. Os profissionais da educação devem aprofundar seus conhecimentos e levar a educação aos diferentes âmbitos que se encontram os estudantes, pois segundo a OMS:

“[...] a criança gozará de proteção especial [...] a fim de facultar o desenvolvimento físico, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condição de liberdade e de dignidade”. (Declaração dos Direitos das Crianças da Organização Mundial de Saúde – OMS, p.1).

A Pedagogia Hospitalar é a educação exercida no ambiente hospitalar, auxiliando na contribuição do desenvolvimento intelectual, social e psicológico dos que se encontram em tratamento médico. Pode-se considerar, desta forma, que a educação hospitalar é uma educação inclusiva, uma vez que proporciona o acesso aos conhecimentos para àqueles que se encontram impossibilitados de irem ao ambiente escolar por motivos que possam colocar em risco os seus quadros clínicos.

Assim, a Pedagogia Hospitalar pode dar prosseguimento à educação formal escolar, transferindo o estudo do educando da escola para a classe hospitalar, exercendo seu direito à educação formal ou desenvolver um trabalho de educação informal, através do uso da brinquedoteca, atividades lúdicas, oficinas e jogos pedagógicos que promovam saberes de forma mais lúdica, o que pode proporcionar momentos de descontração e recuperação do paciente.



2.3 Papel do pedagogo na inclusão da criança hospitalizada

O professor que exerce sua função dentro de uma unidade de saúde, dispõe de um importante papel para contribuição de alunos que, por alguma enfermidade, não conseguem participar das aulas regularmente. Neste cenário, há a necessidade de que possua uma formação para atender com excelência seus alunos e procure sempre novos conhecimentos. Diante de um ambiente de internação, a criança já se encontra em um estado de fragilidade e longe da sua rotina, prejudicando sua infância ou levando ao agravamento do seu estado de saúde.

Logo, a pedagogia hospitalar é classificada como modalidade de atendimento especial pela Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (MEC). Silva (2012, p. 5) afirma que o trabalho do pedagogo hospitalar auxilia como intervenção terapêutica, no qual procura resgatar seu espaço sadio, estimulando a criatividade, as manifestações de alegria, laços sociais e diminui barreiras e preconceitos referente à doença e hospitalização, utilizando de uma metodologia variada, com objetivo de mudar a rotina da criança que permanece no hospital.

A pedagogia nos serviços de saúde consiste em uma abordagem inovadora, sendo uma alternativa de ensino, podendo ser vista também como forma de inclusão, visto que há uma proposta diferenciada de aprendizagem, no qual utiliza o lúdico e outras metodologias para que haja o aprendizado. Compete ao professor hospitalar a função de estimular o conhecimento do aluno, trazendo as vivências escolares para o ambiente hospitalar. Se faz necessária também a disposição em apoiar e orientar o paciente e seus familiares, já que assim estes se sentirão seguros e será mais fácil compreender esse momento de dificuldade pelo qual estão passando. O campo de atuação do profissional formado em Pedagogia, portanto, é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade (Menezes, 2015). Nesta direção, nota-se a necessidade de os profissionais da educação estarem sempre em busca de novos conhecimentos.



Um ponto essencial a ser destacado é que com sua presença a criança não se sentirá tão sozinha, e, ao realizar as atividades propostas, isso fará com que ela não sinta tanta a ausência do ambiente escolar e até sua autoestima será elevada. Através desse processo, o pedagogo deve entrar em contato com a escola do aluno para saber informações, tais como: o ano de ensino que ele frequenta, o assunto que estava sendo trabalhado em sala de aula, ou seja, um trabalho integrado que implica na relação entre: escola+pedagogo+hospital+família.

É necessário que o educador anote todas as atividades propostas e realizadas pelo aluno em seu prontuário. Após a alta do paciente, é de extrema importância que esse documento o acompanhe e seja entregue à escola para que o professor tenha acesso a todas as informações. Como diria Silva e Farago:

Partindo-se da hipótese de que a presença e atuação de um pedagogo no ambiente hospitalar são de extrema importância às crianças e adolescentes em fase escolarização, como forma de dar continuidade ao seu aprendizado, garantindo-lhes seu direito a educação e possibilitando instantes lúdicos, de descontração, bem estar, interatividade e de compartilhamento e aquisição de novos conhecimentos, de modo a preencher seu tempo ocioso de forma sadia, através de atividades variadas, fazendo com que se „desliguem“ temporariamente, do momento tão difícil que estão atravessando (Silva; Farago, 2014, p. 167).

Quando há a atuação do pedagogo, o paciente muda o foco do ambiente hospitalar, e acaba preenchendo o seu tempo com atividades que lhe trará conforto, amenizando a ausência da rotina escolar.

2.4 Práticas pedagógicas utilizadas na pedagogia hospitalar

A prática pedagógica possui objetivos, finalidades e conhecimentos os quais fazem parte do contexto da prática social. “A prática pedagógica é uma dimensão da prática social que pressupõe a relação teoria-prática” (Veiga,



1992, p. 16). Baseado nessa afirmação, destacam-se as contribuições de Sacristán (2000), para quem a escolarização necessita ofertar um projeto educativo global e encarrega-se de métodos educativos mais diversos e complexos.

Certas ações corroboram para a eficácia do processo de ensino-aprendizagem dos alunos enfermos. A primeira ação do pedagogo hospitalar junto à criança hospitalizada é realizar um estudo de caso referente a situação da saúde do paciente. Tais informações podem ser obtidas em seu prontuário. Para Matos e Mugiatti:

O conhecimento da realidade da criança/adolescente hospitalizado e as medidas preventivas que se façam necessárias são, portanto, pontos determinantes também, do ato pedagógico que vai se delinear a partir destes aspectos. (Matos; Mugiatti, 2012, p. 73).

O pedagogo deve se manter informado com a equipe de enfermagem a respeito da chegada de novas crianças antes de iniciar seus atendimentos, com o intuito de informar-se acerca do tempo de internação delas e, assim, poder planejar uma nova atividade. Logo, o professor convida (a aula deve ser um convite, um momento de alegria e construção) a criança para ter uma aula ou ouvir uma história, já que é importante sempre respeitar a vontade da criança.

É necessário evidenciar que a prática educativa deve possibilitar a esses alunos momentos de descontração, bem-estar, interação, compartilhamento e conquista de novos conhecimentos. Esta deve ser realizada por meio de atividades lúdicas para que, desse modo, preencham o tempo, desliguem-se do mundo exterior e fiquem menos ansiosos pela alta médica. Segundo os autores retrocitados:

O hospital-escola constitui-se num espaço alternativo que vai além da escola e do hospital, haja vista que se propõe a um trabalho não somente de oferecer continuidade de instrução. Ele vai além, quando realiza a integração do escolar hospitalizado, prestando ajuda não só na escolaridade e na



hospitalização, mas em todos os aspectos decorrentes do afastamento necessário do seu cotidiano e do processo, por vezes, traumático da internação. O conhecimento da realidade da criança/adolescente hospitalizado e as medidas preventivas que se façam necessárias são, portanto, pontos determinantes, também do ato pedagógico que vai se delinear a partir destes aspectos.

Referente aos horários de aulas, estes podem ser divididos e classificados conforme os atendimentos pedagógicos hospitalares, existindo de forma diferente da classe regular. O pedagogo precisa ter livre acesso aos ambientes em que esses atendimentos podem vir a ser realizados, seja no leito ou em classe hospitalar, podendo ocorrer por meio de dois modelos de escolarização, quais sejam: a Hospitalização Escolarizada e a Classe Hospitalar. Segundo as autoras Matos e Mugiatti:

A Hospitalização Escolarizada que consiste no atendimento personalizado ao escolar doente, respeitando seu momento de doença e considerando a situação de escolaridade, como, também a sua procedência. [...] E a Classe Hospitalar conforme a nomenclatura, oferece atendimento conjunto de forma heterogenia, isto é, toma todas precauções acima citadas, porém atende a diversos escolares em uma classe ou sala de aula no hospital, de forma entregadora, não atendendo cada escolar especificamente (Matos; Mugiatti, 2012, p. 37).

Quando os atendimentos ocorrem em leitos, as aulas não podem ser extensas, em razão das limitações e do cansaço da criança enferma. As aulas devem variar de vinte a trinta minutos de acordo com o entusiasmo e condição física e emocional da criança. Nesse momento, o docente pode contar histórias para criar um vínculo com o aluno, pois a história estimula a imaginação, fazendo com que eles saiam um pouco daquele momento de sofrimento e tristeza. Porto afirma que:

Os educadores têm a missão de ajudar seus alunos a definir seus pensamentos limitadores, a reconhecer e a comunicar seus medos e seus verdadeiros sentimentos e desejos, pois o



educador também é um grande atuante na formação de sua personalidade (Porto, 2010, p. 63).

O objetivo do pedagogo hospitalar consiste em dar continuidade ao processo de escolarização e o direito à educação, levando a literatura para o paciente internado, além de promover seu bem-estar e conseqüentemente melhora em seu estado de saúde. Essas atividades são iniciadas de maneira lúdica por meio de atividades diversificadas e utilizando materiais diversos, como: vídeos, livros, jogos, brincadeiras livres, fantoches, pintura, artesanatos, teatro.

A organização e metodologias aplicadas no ambiente hospitalar são os maiores desafios que o pedagogo hospitalar pode vir a vivenciar, em virtude da alta rotatividade dos alunos. Com isso, o planejamento é individualizado, o que demanda do pedagogo hospitalar várias habilidades de ensino para poder lidar com essas especificidades. Além de ter a percepção e a consciência de que o trabalho não pode ser contínuo, é necessário concluir o atendimento no mesmo dia, em virtude da rotatividade. Destarte, Fonseca (2008, p. 46) infere que:

Para um efetivo atendimento pedagógico-educacional hospitalar, é importante estar ciente e exercitar a premissa de que cada dia de trabalho na classe se constrói com atividades que têm começo, meio e fim quando desenvolvidas.

O planejamento das aulas deve pautar-se no conhecimento prévio do paciente internado, adquirido desde o primeiro contato. A aula deve basear-se em algo que o aluno gosta ou que tenha algum significado para ele, devem ser atividades recreativas e escolares nas áreas das linguagens, matemáticas, história, geografia e ciências da natureza que promovam e facilitem a construção socioemocional. Além de gerar um relaxamento e o entusiasmo de querer construir algo, para que assim tenha o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem dos seus alunos. De acordo com Fonseca (2008, p. 46):

O trabalho de escola hospitalar, ao mesmo tempo em que focado nos objetivos e vinculados aos conteúdos a desenvolver, deve ser adequado às necessidades e aos interesses dos



alunos, provendo também, uma série de possíveis alternativas a fim de que, qualquer que seja o imprevisto que aconteça na sala de aula, tais momentos possam ser aproveitados como se fossem “deixas”, ousando-se a ir com os alunos por caminhos que, embora não estivessem planejados, possam provocar mudanças no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

O pedagogo hospitalar deve estar preparado quanto a aplicação dos conteúdos, pois em caso de alguma eventualidade, o profissional deve contornar a situação sem que haja prejuízo no processo de ensino e aprendizagem dos alunos internados. Outro grande desafio consiste em lidar com os familiares e acompanhantes destes alunos, já que a maioria deles estarão acompanhando o aluno no momento do atendimento. É importante, portanto, que o pedagogo tenha um olhar sensível e humanizado na hora de realizar o planejamento. O docente pode solicitar aos acompanhantes que participem das atividades, promovendo a interação entre paciente e família.

O conteúdo das disciplinas deve ser integrado de forma interdisciplinar, a fim de que um assunto possa relacionar-se com um outro, sem perder o foco. Porém, a avaliação deve ser contínua e não estar pautada apenas em notas, cujos registros do desempenho do aluno sejam por meio de relatórios. De acordo com Fonseca (2008, p. 53):

Sabemos que a avaliação de qualquer trabalho, não se excluindo daí aquele desenvolvido nas escolas hospitalares, é um processo que está presente no transcorrer de toda e qualquer atividade desenvolvida, e não apenas ao seu final, como que apenas checando o que a criança foi capaz de reter, e que poderia ser erroneamente considerado como o real conhecimento por ela adquirido.

A avaliação descritiva tem como objetivo mensurar as observações e os diagnósticos adquiridos na educação construtiva. Na educação hospitalar, a ação pedagógica deve produzir uma aprendizagem autônoma e ativa, favorecendo a reflexão na construção de conhecimento, sobre o que ele está passando no



momento de internação, dessa forma, colaborando para ampliar sua leitura da realidade. Logo, o pedagogo deve aprimorar regularmente suas práticas educativas com cada criança, analisando os prós e os contras de acordo com a demanda de cada um.

3 METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, na qual consiste em compreender o papel do pedagogo na inclusão escolar de crianças hospitalizadas, analisando as práticas pedagógicas que promovem o seu bem-estar e desenvolvimento. Também conduz a identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos sobre este assunto que contribuirá para um possível benefício na qualidade de assistência prestada ao aluno.

Foram utilizadas seis formas no processo de elaboração da revisão, a saber: na 1ª fase: elaboração da pergunta norteadora e tema; na 2ª fase: buscas ou amostragem na literatura, seguindo os critérios de inclusão e exclusão definidas; na 3ª fase: coleta de dados; na 4ª fase: a análise crítica dos estudos incluídos; na 5ª fase: discussão dos resultados e, por fim, na 6ª fase: apresentação (Souza *et al.*, 2010).

A pesquisa foi realizada em três bases de dados no período de dezembro de 2022 a maio de 2023, sendo elas, *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os descritores utilizados foram “Pedagogia hospitalar”, “criança” e “inclusão”. Para restringir a amostra, foi empregado o operador booleano “AND”, junto com os termos selecionados, conforme indica o Quadro 1.



Quadro 1 - Estratégias geradas a partir dos descritores.

BASE DE DADOS	ESTRATÉGIAS
BVS	#1 “pedagogia hospitalar” AND “inclusão” AND “criança” #2 “pedagogia hospitalar” AND “criança” #3 “pedagogia hospitalar” AND “criança” AND “educação”
SCIELO	#1 “pedagogia hospitalar” AND “criança” #2 “pedagogia hospitalar” AND “criança” AND “educação”

Fonte: os autores, 2023.

Foi considerado como critérios de inclusão artigos completos, originais na linguagem íntegra de português, publicados nos últimos 10 anos. Foram excluídos artigos de revisão integrativa, teses, dissertações, monografias e artigos que não tragam relações em torno da pedagogia hospitalar como promotora da inclusão escolar: uma análise da atuação do educador.

Foram encontrados ao todo 120 estudos nas bases de dados. Em uma breve análise, verificou-se que 96 estudos não se tratavam do tema. Após utilizar os critérios de exclusão, 10 não estavam em português, 6 não traziam informações pertinentes ao objetivo principal, restando então 04 artigos. Sendo assim, quanto à inclusão, estabelecemos artigos com contribuições relevantes, colaborando com a compreensão e coerência com a pergunta norteadora.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados um corpus de 04 artigos publicados nas bases de dados das quais serviram de processo para coleta de dados: BVS e Scielo. Nos artigos encontrados a respeito da inclusão, constatou-se que não são todos os hospitais do Brasil que dispõem de práticas pedagógicas nas unidades de internamento pediátrico. Sobre o papel do pedagogo, nota-se uma certa dificuldade para realização de atividades pedagógicas dentro do ambiente hospitalar, por haver um impasse com os profissionais da saúde.

O Quadro 2, a seguir, demonstra o material selecionado segundo título, autor, ano de publicação, objetivo, metodologia e resultados.



Quadro 2 - Levantamento dos artigos elegidos para Discussão.

TÍTULO	AUTOR	ANO	OBJETIVO	METODOLOGIA	RESULTADO
As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos	Souza e Rolim	2019	Conhecer o processo pedagógico educacional em um ambiente hospitalar, na atuação das professoras, considerando as especificidades de crianças em tratamento de saúde.	Utilizou-se o estudo de caso; e, como técnica de coleta de dados, a entrevista semiestruturada.	Os resultados obtidos demonstram que a educação hospitalar oferece diferentes possibilidades educativas para o atendimento a essa criança.
Pedagogia hospitalar e as práticas educativas para crianças com câncer	Loureiro	2019	Identificar quais são as práticas educativas do pedagogo no desenvolvimento educacional de uma criança hospitalizada.	Uma pesquisa bibliográfica qualitativa, analisado conforme as literaturas pertinentes	O trabalho do Pedagogo Hospitalar em um ambiente na qual os estímulos internos (doença e ambiente) nos impõem dificuldades para o exercício da profissão. A prática educacional deve ser humanizada.
Subsídios para a educação hospitalar na perspectiva da educação inclusiva	Loiola	2013	Compreender a Educação Hospitalar e a existência desta prática educacional em Recife e Região Metropolitana.	Consiste em uma pesquisa bibliográfica da literatura publicadas sobre a temática em questão e em seguida pesquisa de campo com análise de dados	A análise dos dados aponta para a inexistência de um atendimento educacional a crianças e adolescentes hospitalizados nos moldes da legislação aplicada, não tendo, com efeito, se quer relato de que as GREs tenham



					recebido informações sobre as Leis que garantem o direito a Educação Hospitalar.
Pedagogia hospitalar favorecendo a continuidade escolar da criança hospitalizada	Zimmermann <i>et. al.</i>	2017	Elucidar a importância da pedagogia hospitalar como meio de manutenção do sentimento de inclusão escolar da criança ainda em ambiente hospitalar	Pesquisa bibliográfica	O atendimento pedagógico hospitalar mantém o vínculo escolar, durante o período de hospitalização, acompanhando as atividades educacionais propostas pela instituição escolar da qual faz parte.

Fonte: os autores, 2023.

O adoecimento e internação significam uma interrupção com a vida escolar, com isso, é necessário o trabalho pedagógico no hospital para que a criança enferma siga se desenvolvendo. Essa prática pedagógica tem como objetivo que a criança saia do hospital com o maior grau de independência possível. Zimmermann *et al.* (2017), em seu estudo, constatou que a intervenção do pedagogo hospitalar possibilita à criança um sentimento de continuar fazendo parte do seu grupo escolar, garantindo o reconhecimento de sua identidade como pessoa.

Fontes (2005) afirma ser imprescindível a formação de pedagogos hospitalares com propostas criativas, dispostos e competentes em atuar no atendimento da criança e adolescente internados, sendo necessário que este possua habilidades específicas para o desempenho e prática de ensino, viabilizando o atendimento a este nível de exigência. Uma das propostas pedagógicas aprovadas consiste na implantação da brinquedoteca como ação educativa com a finalidade de desenvolver um programa de ações lúdicas, culturais e socioeducativas em busca de amenizar o sofrimento causado pela



hospitalização, expandindo o grau de qualidade de vida da criança e seus familiares (Loureiro, 2019).

A escuta pedagógica também é relevante para a construção do conhecimento sobre o espaço em que a criança está inserida, pois informações médicas ou até mesmo sobre a patologia, podem ser repassadas de forma lúdica e, ao mesmo tempo, didática. Segundo Fontes (2005), esta escuta não se faz sem eco, uma vez que ela brota do diálogo que é a base da educação. A escuta e o diálogo para Freire (1998) favorecem a aprendizagem. O autor, afirma que se aprende escutando, mas é ouvindo que se aprende a falar com os alunos. A pessoa que ouve com atenção e com uma postura atenta, irá falar com o outro e também falar ao outro.

A classe hospitalar não deve ser apenas um espaço no qual o enfermo se distrai ou passa tempo, aguardando o próximo procedimento. Deve ser um ambiente que possibilite a relação entre duas políticas públicas, certificando tanto o direito à saúde quanto à educação. Em contrapartida, a classe hospitalar não pode ser vista apenas como garantia do ano letivo, do retorno à escola de origem e como forma de combater a evasão estudantil. Sendo assim, também estará falhando na sua função. Corroborando com a concepção freiriana (1997), a tarefa de ensinar deve ser prazerosa, contudo, pode ser exigente. Exigente de seriedade, de preparo científico e preparo físico, emocional e afetivo. Se faz necessário ousar para dizer, cientificamente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, emoções, medos, as dúvidas e também com a razão crítica.

O atendimento educacional dentro de uma unidade hospitalar exige mais que um espaço adequado para atividades, necessita do encontro entre os profissionais da saúde e da educação em prol da criança. O hospital exerce a função do cuidar da saúde, destinando esforços aos aspectos físicos e biológicos; já a finalidade da educação hospitalar é de garantir o direito à educação, possibilitando momentos lúdicos, de descontração e bem-estar. Souza e Rolim



(2019), ao entrevistar professores a respeito da proposta educacional para criança em internação, presenciou a fala da professora Atena, na qual afirma que a implantação da pedagogia hospitalar requer muita paciência, conversa e sensibilização por parte das equipes médicas e de enfermagem. Segundo a pedagoga, havia uma certa negativa por parte desses profissionais quando necessária a liberação dos pacientes para realização de atividades lúdicas.

Nota-se a dificuldade de associar educação e saúde. Essa adversidade está evidente na fala da professora ao destacar a necessidade de paciência, de tolerância e de muito diálogo com a equipe hospitalar. Trata-se de uma etapa de sensibilizar a equipe de saúde e a família. Essa questão demanda tempo, são nas ações desenvolvidas no cotidiano que se reafirma a importância do trabalho de continuidade da educação no hospital para que depois seja possível oferecer ações educativas que venham a contribuir para a melhoria do quadro de saúde, de modo a considerar o desenvolvimento da criança.

Loiola (2013) apresenta, em uma apuração realizada nos hospitais do Recife e região metropolitana, a existência de práticas pedagógicas ofertadas a crianças em estado de internamento. Em um determinado hospital, seu funcionamento ocorre em dois horários (manhã e tarde), além de contar com uma equipe composta por terapeuta ocupacional, assistente administrativa, uma pedagoga e arte-terapeuta. Em contrapartida, uma pesquisa realizada por Souza e Rolim (2019) no estado do Tocantins, identificou que, dentre os quatro hospitais com atendimento pediátrico na cidade de Palmas, nenhum oferece a classe hospitalar e dois possuem brinquedotecas. Porém, apenas um hospital possui atendimento pedagógico à criança; o outro tem apenas o espaço físico, mas não conta com profissional da educação para o atendimento. Este cenário evidencia a necessidade de políticas públicas mais eficazes voltadas para a aderência da classe hospitalar dentro das unidades de saúde que possuem internações pediátricas.



Carneiro (2010) aborda em seu estudo o que se pretende com as leis que beneficiam a prática pedagógica em âmbito hospitalar, afirmando a necessidade de:

[...] propiciar rotas de humanização para alguém (o aluno) que, de repente, se sente descompensado em seu processo de desenvolvimento. E a descompensação permitida está na fronteira do desrespeito à dignidade da pessoa humana, fundamento constitucional irrenunciável (Carneiro, 2010, p. 414).

Contudo, mesmo a legislação brasileira regulamentando essa modalidade de atendimento, verifica-se sua pouca presença em ambientes de tratamento de saúde. Episódios semelhantes ocorrem em relação a estudos relacionados ao tema. O número de estudos brasileiros que discute o atendimento pedagógico em hospitais é reduzido quando comparado à demanda de conhecimento sobre essa temática. Este cenário tem contribuído para o desconhecimento sobre o direito garantido às crianças de não terem sua escolarização interrompida, em decorrência do adoecimento, como tem impossibilitado que a integralidade do tratamento, com a assistência médica e educacional, seja disponibilizada durante o período de hospitalização. Conclui-se que se trata de uma temática que ainda se encontra em fase de consolidação no campo das produções acadêmicas, o que demanda o desenvolvimento de mais pesquisas nesta área.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O escopo central deste artigo foi analisar como o pedagogo hospitalar coopera para a inclusão escolar de crianças hospitalizadas. Diante do exposto, com base na análise do nosso corpus, pode-se observar que existem no trabalho do pedagogo hospitalar dificuldades para o exercício da profissão. Parte-se da concepção de que a prática educacional, na educação hospitalar, necessita ser humanizada, buscando desenvolver o lado cognitivo e socioemocional da criança,



em que a partir desse olhar integral, se tornará possível acolhê-las diante da situação que se encontram. Com esta perspectiva, tornar-se-á possível a prestação de um serviço pedagógico em conformidade com as condições reais do paciente.

A sensibilidade do pedagogo, nesse processo, torna-se um fator importante, o qual pode proporcionar esperança em dias melhores. A atitude empática conduz ao respeito, à solidariedade, ao cuidado, ao diálogo, obtendo uma interação e troca de conhecimento sobre as necessidades educacionais, ofertando uma conciliação entre atividades escolares e tratamento hospitalar.

Outro aspecto constatado pelos estudos, é a resistência por parte dos docentes em atuar na educação hospitalar. Os resultados da análise do nosso corpus sugerem a necessidade de ampliar a visão do pedagogo sobre o seu campo de atuação, em especial, a respeito de sua inserção na educação hospitalar, ao passo que é necessário refletir sobre a diminuição dos impactos de sua presença perante a criança hospitalizada e os profissionais de saúde.

Por fim, a pesquisa evidenciou a necessidade de mais estudos voltados ao tema em questão, posto que houve a dificuldade em dispor de um maior quantitativo de trabalhos a respeito da pedagogia hospitalar, o que demonstra ser este um campo que ainda se encontra em fase de consolidação.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Neusa. **Histórico da Pedagogia Hospitalar**. 2011. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/historico-da-pedagogia-hospitalar/74994/>. Acesso em: 12 mar. 2023.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988. Art 205**. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91972/constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988#art-205>. Acesso em: 17 mar. 2023.



CARNEIRO, M. E. A. & TAVARES, L. M. M. **A função do pedagogo no ambiente hospitalar.** Disponível em:

<http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1364/1/Artigo%20Maria%20Emilia%20Alves%20Carneiro.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2023.

CARNEIRO, M. H. da S. **Trabalho docente e saberes experienciais.** Campinas: Papirus, 2010.

ESTEVES, Claudia. **Pedagogia Hospitalar uma modalidade de ensino em diferentes olhares.** 2013.

FONSECA, Eneida Simões. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar.** 2. ed. São Paulo: Memnon, 2008.

FONSECA, E. S. **A escola da criança doente.** Pedagogia e escolarização no hospital. Curitiba. Ibplex, 2011.

FONTES, Rejane de S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, 2005, n.29, p. 119-138. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gJN94n3wRvTyCZnPnnJzQzv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 mar. 2023

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LOIOLA, F. C. F. **Subsídios para a educação hospitalar na perspectiva da educação inclusiva.** 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13047>. Acesso em: 17 mar. 2023.

LOUREIRO, M. C. **Pedagogia hospitalar e as práticas educativas para crianças com câncer.** 2019.



MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar**: A humanização integrando educação e saúde. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MEDEIROS, J. L. G.; SILVA, Y. F. O. Atendimento educacional em ambiente hospitalar: visão do estudante portador de paralisia cerebral sobre direitos e formação. **Ensino Em Re-Vista**, v.28, p. 1-18, Uberlândia, MG, 2021.

MENEZES, C. **O papel do pedagogo no ambiente hospitalar**: a formação além da docência. In: EDUCARE, Curitiba, 26 a 29 out. 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/41758498-O-papel-do-pedagogo-no-ambiente-hospitalar-a-formacao-para-alem-da-docencia.html>. Acesso em: 12 mar. 2023.

PACCO, A. F. R.; GONÇALVES, A. G. Contexto das classes hospitalares no brasil: análise dos dados disponibilizados pelo censo escolar. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 6, n. 1, p. 197-212, Jan.-Jun., 2019. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/7536>. Acesso em: 11 mar. 2023.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Hospitalar**: intermediando a humanização na saúde. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

RODRIGUES, J. M. C. **Classes hospitalares**: o espaço pedagógico nas Unidades de Saúde. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SILVA, Adrieli. **O papel do pedagogo no ambiente hospitalar**. Brasil Escola, [S. l.], [2012?]. Disponível em: <https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/educacao/o-papel-pedagogohospitalar.htm>. Acesso em: 12 mar. 2023

SILVA, R.; FARAGO, A. C. Pedagogia Hospitalar: A atuação do pedagogo em espaços não-formais de educação. **Cadernos de Educação, Ensino e Sociedade**, Bebedouro - SP, 2014. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/suamario/31/04042014074320.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.



SOUZA, Z. S.; ROLIM, C. L. A. As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, p. 403–420, jul. 2019.

VEIGA, Ilma Passos. **A prática pedagógica do professor de Didática**. Campinas: Papirus, 1992

ZIMMERMANN, A.; BONIFÁCIO, A. R.; NASCIMENTO, R. do; KIBRIT, S. Z. Pedagogia hospitalar favorecendo a continuidade escolar da criança hospitalizada. **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 62–66, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10820>. Acesso em: 21 mar. 2023.

